

UM OLHAR PARA O PATRIMÔNIO ESCOLAR: AS NARRATIVAS DE DIRETORAS SOBRE AS DIFICULDADES DE PRESERVAÇÃO

Autor(1): Jairo Barduni Filho; Co-autor(1); Jardel Costa Pereira; Co-autor(2); Gabriela Rodrigues da Silva

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) jairobardunifilho@gmail.com

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) jardelcostper@gmail.com

Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) gabirodrigueslg@gmail.com

Resumo Expandido

O presente pôster visa apresentar parcialmente os resultados parciais do projeto de extensão: *Patrimônio histórico escolar: entrevistando e diagnosticando para ações de preservação*. Trata-se de um projeto pertencente ao edital de pesquisa 08/2017 da PIBIC/UEMG/FAPEMIG. O projeto visa o mapeamento da arqueologia documental de duas escolas tombadas pelo patrimônio Histórico na cidade de Cláudio-MG. O objetivo do trabalho é o de conscientizar a comunidade escolar e gestores públicos da importância de se preservar o patrimônio escolar (documentos, fotografias, livros e até mesmo o patrimônio arquitetônico). A metodologia da pesquisa se fundamenta na organização e no tratamento de fontes documentais baseada em Lakatos e Marconi (2001) e também em Marisco (2002) na implantação de uma política de preservação. No primeiro momento realizamos entrevistas semiestruturadas com as diretoras, no intuito de saber como ocorre o processo de armazenamento dos documentos, bem como qual é a relação entre escola e poder público. A relevância da pesquisa se justifica pela atual situação política de descaso para com o patrimônio público, ainda estamos em estado de choque com a tragédia do Museu Nacional no Rio de Janeiro e entendemos que é urgente a discussão do papel do Estado na preservação do patrimônio público, além disso, nossa pesquisa poderá colaborar emitindo um relatório com o diagnóstico da situação nas duas escolas tombadas da cidade de Cláudio afim de que o poder público da cidade e demais órgãos possam agir dentro de uma melhor comunicabilidade com essas instituições. São poucas as escolas no Brasil e até mesmo em vários países que contam com um local específico para guardar e preservar a sua arqueologia escolar, o que não é o caso da Escola José Inocêncio Amorim e Coronel Joaquim da Silva Guimarães em Cláudio – MG. Embora essas escolas possuam um memorial que está organizado com vários documentos e objetos nas próprias escolas, não há um local, podemos dizer específico de armazenagem. Este é um problema que as escolas padecem e ainda de uma dificuldade que

parece imperar nas escolas públicas brasileiras: a precariedade de mobiliário e infraestrutura escolar que no Brasil, é algo notório; basta uma visita para entendermos que as escolas funcionam com carteiras, armários, estantes, mesas enfim, um mobiliário básico, por vezes improvisado ou já na eminência de ser repostado pelo poder público, além é claro de falta de espaço, este talvez seja o pior problema e, no caso dessas duas escolas tombadas, ainda há uma dificuldade a mais, o fato de não poder mexer no desenho original escolar que é tombado, por vezes, este problema explode em uma necessidade de revisão e isso não parece ser uma tarefa fácil de ser resolvida em curto prazo. As narrativas das diretoras apresentaram um desejo de maior cuidado do poder público com as escolas bem como um esforço local em preservar o legado histórico dessas instituições, são essas falas que o leitor poderá conferir neste momento.

Entrevistador: E, por último, os arquivos, as fotografias, os objetos, a escola coronel ela conserva bem estes materiais, não conserva?

Diretora da Coronal Joaquim da Silva Guimarães: Sim! Temos aqui objetos antigússimos, e que já fazem parte até da história da escola mesmo né, como o sino. Nós temos aqui o sino né, que a gente guarda com muito carinho, ele fica ali na secretaria. Nós temos o uniforme guardado da época que usava aqueles uniformes...

Bolsista: “Que era a sainha com a blusinha...”

Diretora da Escola Coronel Joaquim da Silva Guimarães: Sim, a sainha com a blusinha branquinha, nós temos algumas coisas guardadas aqui.

Em fala da diretora da Escola José Inocêncio Amorim, este assunto também aparece:

Entrevistador: Em relação aos documentos, objetos, fotografias da escola assim, que são objetos históricos... Está bem preservado dentro da estrutura da escola?

Diretora da Escola Inocêncio Amorim: A Inocêncio Amorim assim, como ela passou por um processo de escola inicialmente estadual, depois municipal, ela ficou com o histórico dela muito perdido. Porque assim, o que nós encontramos aqui em 2001 foi uma bagatela entendeu, uma escola que a gente pode falar que a gente pegou ela desde o começo, porque tudo foi retirado daqui de dentro, então tanto é que o nosso patrimônio histórico, o patrimônio da escola, ele é a partir de 2001, mas aí a gente não sabe a veracidade disso. Eu não sei para onde foram os objetos que aqui estavam, então a gente tem pouquíssimas coisas. Tudo o que a gente tem aqui não tem coisa histórica mesmo lá do começo. Máquinas fotográficas eu não sei onde foram, porque é o começo dentro da história da escola, os primeiros computadores, não sei né, aquelas mesas antigas não sei para onde foram também. Então assim, perdeu-se... O histórico da escola em termos de objeto a gente só tem a partir de 2002.

É possível perceber pela forte narrativa das diretoras, primeiramente a falta de um espaço adequado de armazenamento, pois, a secretaria é também um local de vários outros objetos e materiais escolares que se juntam e forma uma quase um espaço multi de armazenamento, então, não seria o melhor local para os objetos, fotografias e documentos, do mesmo modo, a falta de uma comunicabilidade e até mesmo de uma sensibilidade, um cuidado com os materiais da escola Inocência Amorim é notável. Caberia a gestão pública com seus órgãos municipais de preservação, a prestação de contas, fiscalização de objetos históricos. Ainda sobre o papel dos órgãos públicos, as diretoras dizem o seguinte sobre este assunto:

Entrevistador - O quê que você sabe sobre a responsabilidade dos órgãos públicos em relação ao patrimônio tombado? Você acha que a escola Coronel está tendo assistência desses órgãos públicos para a conservação do patrimônio?

Diretora: Bom, infelizmente assim, verbas né, ainda mais na atual situação crítica que está, é, a escola Coronel ela está precisando sim passar por uma reforma né, independente de ser escola ou não, é uma arquitetura muito bonita, que eu até acho que é um cartão postal da cidade e que o governo, ele tem essa obrigação de dar essa verba para bens tombados, porém nós ainda não conseguimos essa verba para reformar a escola coronel.

Bolsista - Quando foi a última vez que foi reformado?

A última vez... Ah já tem bastante 'anos', foi na gestão... Ah, deve ter uns vinte, vinte e tantos anos já.

Entrevistador: “Já está precisando passar por outra então.”

É, está precisando de uma reforma. E o prefeito ele está correndo atrás, ele de vez em quando me fala. Ele fala assim ó 'Estou correndo atrás da verba'. Tenho certeza disto, porque ele já reformou todas as escolas da cidade.

Bolsista: “Falta só aqui né?”

É. Como ele diz, 'Uma coisa de cada vez. '. É... Eu acredito que se Deus quiser ele vai conseguir a verba para reformar esta escola, não sei se ele vai conseguir com a verba que é específica para a reforma de bens tombados. Talvez se ele não conseguir está que é específica, talvez ele até consiga com recursos próprios né, de, sei lá... Que não seja específica dos bens tombados. Porque realmente essa verba existe, mas isto daí é até um assunto para você conversar com o Rafael da cultura. Você pode entrevistar o Rafael que ele vai te explicar melhor sobre esse assunto.

A diretora da segunda escola também diz da dificuldade de lidar com os órgãos públicos.

- O que você acha que poderia ser feito para que a escola, em parceria com órgãos públicos, pudesse manter o patrimônio dessa escola?

Bom, ao meu modo de ver, é a viabilização das verbas, assim, com menos burocracia. Porque quando a gente ta com um problema pelo menos físico na escola é uma coisa assim muito morosa, porque ai você tem que ir atrás de um... Como que fala... Que vem fazer né o projeto pra gente, e esse projeto ele segue para a superintendência, a superintendência assim, por causa da demanda né de escolas com as mesmas necessidades, demora demais, então assim, é tudo muito demorado. Então eu acho que a primeira coisa é viabilizar essa assistência, e ser assim, é... Eles tinham que fazer um cronograma. A escola Inocêncio Amorim, por exemplo, recebeu em 2018 a verba para a rede física, então assim, daqui à dois anos eu tenho que enviar mais uma outra verba para que as coisas não se torne assim muito grandes, uma obra muito grande né, porque eu acho que isso seria um controle mesmo né, então eles tinham que fazer um controle. Não sei por causa do número da demanda muito grande de escolas né, então isso assim tá muito perdido pela situação atual que o país tá vivendo.

- Você sente que a escola tem sido abarcada com essas políticas de preservação do patrimônio?

Não vejo isso hora nenhuma, hora nenhuma. Assim, a gente tem as visitas né, eu acho que uma vez por ano se eu não me engano e talvez nem isso. Eles entram na escola, se apresentam, falam que é do patrimônio né, olham, fotografam, já até cobrei deles isso né, essa assistência financeira, ou sei lá, até uma orientação mesmo do quê que pode do quê que não pode permanente, porque a gente fica muito sozinho nessa questão, mas isso não acontece, não tem esse retorno, porque que eles tiraram essas fotos, porque que eles fazem essas fotos, como que esse patrimônio foi tombado porque a gente não tem nenhum registro disso, porque que ele foi tombado né, qual que é o objetivo disso, porque o Inocêncio Amorim? Não sei nada disso...

Em visita a escola Inocêncio, percebemos que a diretora conserva os documentos em pastas bem cuidadas, contudo, uma assistência de algum órgão público poderia escanear tais documentos e salvar em um arquivo digital, evitando assim, perdas, furtos, desgaste das informações com o tempo que tende a danificar os papéis. Na fala das diretoras, falta esta aproximação entre poder público e gestão escolar, ou, em outras palavras, um serviço de qualidade do poder público em fiscalizar, controlar e fazer a devolutiva de modo eficiente para as escolas, isso tanto no que diz respeito a objetos, bens da escola como na infraestrutura. O efeito de hierarquia parece pairar na relação entre o poder público e escolas, como se o trabalho coletivo fosse dispensável perante a necessidade de vigilância e controle sem diálogo. Inúmeros são os documentos esquecidos, abandonados ou mal tratados e organizados em locais importantes e em especial nas escolas, o que é um problema para a preservação da memória escolar. Muitas das vezes, quando vamos procurar arquivos escolares, nos são apresentados uma caixa onde ali se encontram todo o seu acervo. Por sorte e cuidado, as

diretoras em esforço próprio conseguiram preservar importantes objetos bem como documentos que já tivemos oportunidade de ter acesso, todo esforço na medida do possível preserva a história da escola. Assim, continuamos a entrevista a respeito do armazenamento dos documentos escolares, neste momento, a diretora da Escola Coronel Joaquim Guimarães nos diz de uma reforma que talvez venha ocorrer na escola.

Entrevistador: Na sua opinião, esses objetos realmente ficariam melhor aqui na escola com essa reforma ou poderia por exemplo ter a possibilidade de ir para o museu aqui da cidade?

Diretora: Sim, poderia ir para o museu também, não é uma coisa assim que eu descarto não. Igual, o sino da escola, só que o sino da escola já é um símbolo, então quando tem alguma comemoração, um aniversário, a gente expõe ele, são coisas que a gente expõe né, e para a gente ir lá no museu buscar para expor e mostrar para os alunos já é mais complicado. Mas não descarto isso de levar para o museu não né, lá no museu é o lugar apropriado.

Entrevistador: -“Pensando que está passando agora por reforma também né, não se sabe como é que o espaço no futuro, se ele vai ficar maior né para poder receber novos objetos.”

Diretora: Não descarto isso não, é uma ideia boa também levar isso para o museu.

Nessa direção aponta-se a necessidade emergente de um trabalho de implementação de um espaço dentro da própria escola para tal armazenamento, pois, se a escola faz uso anualmente de objetos como o sino antigo, este de fato é um motivo que justificaria a permanência dos objetos na escola, entretanto, a realidade se torna distante neste intento, tornando plausível a ideia de armazenamento no próprio museu da cidade de Cláudio.

Referências Bibliográficas

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2001.

MARISCO, M. A. V. Noções básicas de conservação de livros e documentos. *Boletim Informativo da Rede Sirius*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 35, 2002.